

## O RIO TOCANTINS PELO VIÉS DA METÁFORA

### TOCANTINS' RIVER BY THE BIAS OF METAPHOR

Valdália Alves de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto busca analisar a série de fatos e causas que concorreram para a formação de Imperatriz - segunda maior cidade do estado do Maranhão – tendo por base as ideias de desenvolvimento em meio às adversidades da natureza, fatores que proporcionaram o progredir desta povoação às margens do Rio Tocantins, uma das maiores riquezas naturais brasileiras. No final do século XIX suas águas transportaram o fundador deste espaço, o carmelita Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, sempre acompanhado da imagem de Santa Teresa d'Ávila, ícone religioso atualmente cultuado pelos habitantes católicos da cidade. O ponto central desta análise chama a atenção para o indício importante referente à riqueza da tradição poética que as águas proporcionaram aos escritores locais, os quais tecem seus textos com base na trama de relações com a natureza e com as pessoas, munidos de um enunciado metafórico que auxilia na compreensão de suas ideias.

**Palavras-chave:** Rio Tocantins; Imperatriz (Maranhão/Brasil); memória; história; metáfora

**Abstract:** The following paper intends to analyze the series of causes and facts which have competed towards the construction of Imperatriz – second largest city of Maranhão's state – basing it on the ideas of development amongst nature's adversities, factors which allowed the progress of this village at the margins of Tocantins' river, one of the biggest Brazilian natural resources. In the end of the 19th century its waters transported the founder of such area, the carmelite friar Manoel Procópio do Coração de Maria, always accompanied by the image of the saint Teresa d'Avila, religious icon currently worshiped by the catholics inhabitants of the village. The central point of this analysis draws the attention towards the important indication referring to the wealth and poetic tradition that the waters have given to the local writers who compose their texts based on the web of relationships between nature and people, beholding a metaphoric enunciation which guides us towards the understanding of their words.

**Keywords:** Tocantins river; Imperatriz (Maranhão/ Brazil); memory; history; metaphor

### Introdução

O artigo oferece referenciais para compreensão dos processos culturais e religiosos de Imperatriz, fundamentados na memória desta cidade, cuja padroeira é Santa Teres d'Ávila,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, [valdaliaandrade@hotmail.com](mailto:valdaliaandrade@hotmail.com)

peregrina das águas e protagonista de uma festa, onde passado e presente se reconciliam. No mês de outubro, a santa atrai centenas de fiéis para os barcos e balsas - meios de transportes que flutuam sobre um líquido caudaloso - no intuito de celebrar os primeiros fatos que concorreram para formar a pequena povoação, em meados do século XIX.

Buscamos compreender como esta região de confluência de rios consegue aproximar as diferentes tradições, numa intercomunicação de temas, personagens e narrativas, disfarçadas em metáforas, refletidas na vida cotidiana de seus moradores. O texto salienta ainda o Rio Tocantins, localizado às margens do município, como via de acesso aos navegantes em busca de riquezas, como espaço de sobrevivência dos homens que dele tiram seu sustento e de inspiração aos poetas. Retratamos, assim, a memória das águas, aplicando o conceito de metáfora ao rio.

## **1 O Maranhão no Estado do Pará**

Ao apresentar a gênese de Imperatriz como fio condutor de um trabalho que destaca informações inéditas sobre a constituição do município, portanto, importante registro para a história regional, o escritor Adalberto Franklin ratifica que até o dia 12 de junho de 1852, apenas trinta e quatro dias antes da chegada de Frei Manoel Procópio, estas terras do sudoeste maranhense, desde o atual município de Campestre, até o Rio Gurupi, eram territórios pertencentes ao estado do Pará.

Mas nem o frade carmelita fundador de Imperatriz nem o governo do Maranhão sabiam disso ainda. Essa região era denominada pelos colonizadores do sul do Maranhão de Matas Gerais, território em que eles não se atreviam a entrar, porque eram protegidas e defendidas por dois povos indígenas da grande nação Timbira, muito temidos: os Gavião e os Krikati, que dominavam as margens e os sertões próximos ao rio Tocantins até a confluência com o rio Araguaia. Durante quarenta anos, esses povos indígenas derrotaram as expedições de bandeirantes e soldados que quiseram exterminá-los e ocupar suas terras<sup>2</sup>.

Conforme o pesquisador, nesse mesmo ano de 1844, o governo da Província do Pará decidiu constituir cinco expedições para criar, nos muitos rios do seu território, colônias militares e aldeamentos indígenas para acelerar a ocupação e dar suporte às navegações. Uma dessas expedições subiria o Rio Tocantins, com a missão de aldear os índios do então

---

<sup>2</sup>FRANKLIN, Adalberto. "Procópio, Santa Teresa e a fundação de Imperatriz".

In: <http://adalbertofranklin.por.com.br/2011/07/procopio-santa-teresa-e-a-fundacao-de-imperatriz>. Acesso em setembro 2015.

chamado Alto Tocantins, nas proximidades das cachoeiras de Itaboca, lugar onde fica a hidrelétrica de Tucuruí.

Nessa mesma resolução, ficou decidido que a povoação a ser fundada pela expedição do Alto Tocantins se chamaria “Santa Teresa”. Com base nessas informações, Franklin constata que não foi Frei Manoel Procópio quem deu o nome nem estabeleceu a devoção dos habitantes da nova povoação a Santa Teresa de Ávila, visto que isso já estava previamente determinado.

Figura 1: Beira - Rio em Imperatriz



Fonte: Nando Cunha. Disponível em: <<http://www.ferias.tur.br/fotos/2475/imperatriz-ma.html>>

Imperatriz, como em quase todas as cidades do Brasil que se urbanizaram dentro de um regime colonial, se desenvolveu numa batalha em meio à natureza. Cresce de costas para o rio, tratado de forma simbólica como fundo de quintal e extensão das casas que compõem suas margens. Diferentemente dos grandes centros, o Rio Tocantins não vem desaparecendo da paisagem e da vida cotidiana da cidade. É um local contornado por pistas de tráfego, espaços por onde caminham seus habitantes.

Por isso mesmo, sua orla hoje é um enorme reservatório de interações pessoais, aliada a um cotidiano bucólico, exemplo emblemático de espaço público vital, onde a natureza acena para os poetas e escritores, convidando-os a exaltar suas belezas campestres e hábitos peculiares dos moradores de alma campesina.

Para Franklin, o Rio Tocantins é uma das maiores riquezas naturais brasileiras, fonte de vida para centenas de milhares de pessoas desde a região central do Brasil até a Amazônia setentrional, onde desemboca no imenso encontro de águas que circunda a capital do Pará. “Tem-se notícia de que desde o final do século dezesseis há entradas de navegantes europeus nas águas do Tocantins, em expedições de busca de riquezas minerais e de aprisionamento de nativos”<sup>3</sup>.

Conforme o pesquisador, ao longo desses últimos quatro séculos, a Amazônia Oriental, região da qual fazem parte o médio Tocantins e o Rio Araguaia, foi motivo da cobiça de empresas estrangeiras e nativas. Primeiramente nos aldeamentos e escravização dos indígenas e na coleta das drogas dos sertões; em seguida na exploração capitalista de matéria-prima industrial como o látex, o caucho e de produtos naturais comestíveis, como a castanha-do-pará e o babaçu; por último, das árvores nobres, da própria terra, das águas abundantes e das muitas riquezas do subsolo.

Na convivência com a dinâmica deste rio -verdadeiro universo habitado por pessoas aptas a perceber suas impressões externas, por meio dos órgãos sensoriais - compreensões de mundo tornam-se visíveis em reproduções escritas e práticas ritualísticas. Seus saberes são transmitidos de maneira tácita ou se apresentam claramente, sem dúvidas ou ambiguidades. Conforme descreveremos a seguir.

## **2 A força multiplicadora de um rio**

O Rio Tocantins nasce no estado de Goiás, move-se pelos estados do Tocantins, Maranhão e Pará para desaguar na imensidão Rio Amazonas. Ao vermos sua frágil nascente é difícil imaginar o volume de águas que desloca e aonde chegará. Contudo, à medida que avança, une-se a outras ramificações de água que o tornam mais profundo e caudaloso, a ponto de possuir um grande potencial biológico e transformar-se na principal fonte de renda da população ribeirinha no perímetro de Imperatriz.

Num estudo da leitura das escrituras, conectamos este item ao salmo 128, que permite um paralelo de sua essência relacionada à instrução de Deus para uma vida reta. Assim, nos

---

<sup>3</sup>FRANKLIN, Adalberto. “Expedições pelo Tocantins e Araguaia”. In: <http://adalbertofranklin.por.com.br/2011/01/expedicoes-pelo-tocantins-e-araguaia/> Acesso em: 09setembro 2015.

ajuda a compreender que, por menor que sejamos, sempre seremos conduzidos por um caminho de confiança e esperança. Desta forma, numa perspectiva divina, o salmo nos remete a meditar sobre as riquezas naturais criadas por Deus e questão partilhadas entre todos.

No Salmo 128, em se tratando de partilha, pode-se ter uma aplicação mais ampla que um casamento. A maternidade, assim como as nascentes dos rios, prologa a vida. Por meio deste laço de união entre pessoas e mananciais, a história segue. No primeiro caso, multiplicando as famílias, no segundo, alongando a extensão dos rios. “Sua esposa será como vinha fecunda, na intimidade do seu lar. Seus filhos, rebentos de oliveira, ao redor de sua mesa” (Salmo 128:3; 1990). Assim é o rio, nasce pequeno, une-se aos demais, multiplica-se, cresce de dentro para fora, transformando-se em sustento e fonte de alegria para os que dele necessitam.

### **3 Santa Teresa: andarilha das águas**

As águas do Rio Tocantins refletem a religiosidade dos moradores católicos da cidade de Imperatriz. Desde que a imagem de Santa Teresa aportou nas margens do rio, há mais de cem anos, ela é preservada como ícone religioso que representa a fé dos habitantes deste espaço. No dia 15 de outubro (data de sua morte), a doutora da Igreja, de origem espanhola, é conduzida pelas águas tocantinas a bordo de um barco que se transforma em palco de crenças, cultura e memória, estruturado em grande cortejo fluvial de embarcações variadas.

Este é outro aspecto pelo qual evocamos o líquido que margeia Imperatriz, de onde observamos projetar-se a representação histórica da cidade, sob o signo de sua padroeira. A divindade retoma junto à comunidade local - com suas raízes ali fincadas desde a chegada do religioso - um passado de descobertas, agregado a uma índole de cerimoniais na mais ativa participação de fieis e reunião de elementos variados.



Figura 2: Santa Teresa: primeira imagem sacra trazida para Imperatriz.

Fonte: Facebook Santa Teresa d'Ávila. Disponível em: <<https://www.facebook.com/igreasantateresadavila>>

Em 2010, a professora de literatura e comunicação social da PUC - São Paulo, Jerusa Pires Ferreira, escreveu, ao tratar sobre a Festa de Santana, na pequena cidade paraense de Breves: “creio que toda festa tem uma dimensão do sagrado. É a negação do destino obscuro, da cotidianidade chã, é como se abrissemos uma brecha de eternidade (mesmo implicando em bastidores cotidianos) que nos toca.” (FERREIRA, 2010, p.9).

Vale ressaltar que Ferreira é baiana, de Feira de Santana, o que a faz pensar como uma celebração religiosa pode levar o ser humano a imaginar o mundo passível de ser fugaz, mas profundamente seu naqueles instantes, horas, encontros. De acordo com a autora, os estudos de história, comunicação, ciências da religião, antropologia, teatro, corpo, da performance vão se atraindo uns aos outros como limalhas e, em torno da festa, para explorar a tristeza e a alegria que se implantam em toda celebração sob signos exacerbados. As linguagens que se mantêm ou reverterem, a fugacidade do tempo que se detém, se expande ou explode, em brilho, cor, fantasia, ilusão.

Lúcia Pedrosa de Pádua (2015), professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, nos apresenta uma monja andarilha e questionadora em busca de sua essência como forma de inspiração para o ser humano na atualidade. Em seu trabalho sobre Teresa de Ávila - andarilha para tempos de peregrinação - Pádua lembra que o Papa Francisco, na abertura do Ano Teresiano, destacou que é preciso “aprender a ser peregrino com a santa andarilha”.

Muito mais do que reconhecer os movimentos de Teresa de Jesus e enaltecer sua obra, a pesquisadora diz que o Papa faz um resgate. Francisco convida-nos a ver, no exemplo da

santa, uma inspiração para abirmos nossos castelos interiores<sup>4</sup> - enquanto igreja, ser humano ou sociedade - para nele encontrar um Deus.

Agenor Sarraf Pacheco (2009), ao escrever sobre identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras, cita Ferreira em conferência de abertura do X Fórum Paraense de Letras, promovido pela Universidade da Amazônia, em outubro de 2004, onde a pesquisadora, assinala que “na Amazônia a água é presença e movimento, é a própria organização das paisagens culturais e humanas, anímica e definidora, a água é o bordão da memória”.<sup>5</sup>

Apercepção de Ferreira ajuda a compreender que não é possível compor histórias de povos e culturas gestados ou habitados em ambientes amazônicos sem vislumbrar a pujante força gerenciadora do *líquido sagrado* na constituição de identidades, saberes e religiosidades locais.

#### 4 Metáfora de um rio em curso

“A água é a grande metáfora da vida, pois dela, nela ou por ela emanam, correm e podem ser concretizadas todas as necessidades humanas, intelectuais e espirituais”. (PACHECO, 2009, p. 69). Ao lado de um contexto efervescente causado nos estudos sobre metáfora e cognição, há de se mencionar a profunda consolidação da ruptura paradigmática que vinha ocorrendo desde a década de 1970, particularmente marcante nos estudos de George Lakoff e Mark Johnson pondo em crise o enfoque objetivista da metáfora. Essa virada paradigmática rompe com a tradição retórica iniciada com Aristóteles no século IV a. C, contribuindo assim para mudar uma história de mais de dois milênios.

Na tradição retórica, a metáfora era (e é ainda) considerada um fenômeno de linguagem apenas, ou seja, um ornamento linguístico, sem nenhum valor cognitivo [...]. Além disso, o uso da metáfora era indesejável no discurso científico, que deveria se utilizar da linguagem literal, considerada então clara, precisa e determinada. Nessa visão, portanto, a ciência se fazia com a razão e o literal,

<sup>4</sup> “No grande símbolo do castelo interior é narrada a aventura-drama da pessoa em busca e encontro de Deus. As moradas, cada vez mais interiores e próximas de Deus, significam um processo cada vez mais forte e evidente de conhecimento, encontro e transformação em Cristo. Essa jornada se inicia com a entrada em si mesmo, a primeira morada, e culmina com o matrimônio espiritual, na sétima morada”. (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p. 251).

<sup>5</sup> FERREIRA, Jerusa Pires. Memória das águas. In: Asas da Palavra – Revista do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Educação. Belém: Unama, vol. 06, nº 18, dezembro, 2004, p.13. In: PACHECO, Agenor Sarraf. *Em el corazón da la Amazônia: identidades, saberes e religiosidade no regime das águas marajoaras*. 2009. Tese. (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 68.

enquanto a poesia se fazia com a imaginação e a metáfora (LAKOFF; JONHSON, 2002, p. 22).

Escritores maranhenses, como Edmilson Sanches, fazem do rio Tocantins o principal cenário de sua poesia. Seus escritos são carregados de uma poética repleta de liberdade criativa, de onde surge aproximação com realidades vividas refletidas em seus trabalhos.

Entre dois Estados, há um rio. Um rio rico – traz fartura. Um rio às vezes brabo – traz agrura. Um rio único e vários, como o são todos os rios. Separa terras, une gentes, leva coisas, banha corpos, lava a alma. Um rio com um toque especial: Tocantins. Estamos na Pré-Amazônia. Durante todo o dia, raios de sol tocam o Tocantins. São dedos cálidos penetrando a intimidade receptiva e envolvente das águas. Sol e água. Fértil encontro de contrários. Homem, mulher. Encontros muitos. Encontros marcados. À tardinha, após tantas horas de luz e calor, o sol, cansado, mergulha n'água – imersão total – e, sem forças, afoga-se nela, para depois renascer, fortalecido, anunciando o dia seguinte. Que vem envolto em halo, aura, auréola, aurora. O sol nasce e (re)posa no Tocantins.<sup>6</sup>

A riqueza da tradição poética imperatrizense prossegue com outro grupo de escritores, os quais figuram entre aqueles que fazem da aproximação para com o rio um momento de sensibilidade, que pode ser atemporal, real, simbólica e nominal. O que assinala uma relação inextrincável com a natureza, como no poema “Travessia”, de Zeca Tocantins.

Nunca atravessei o mar  
Neruda  
mas já atravessei o rio  
Tocantins.

Ali, quando criança exercitei meus sonhos.

Inventei a guerra  
nafraguei navios  
disparei torpedos  
contra os inimigos  
que assustavam  
o peixe do meu anzol<sup>7</sup>

Em discurso sobre “O Universo Conceitual de Paul Zumthor no Brasil”, Ferreira comenta o diálogo que teve com o medievalista/poeta, que nos afirma: “o texto se tece na trama das relações humanas múltiplas e que, sem dúvida, na experiência vivida foram tão discordantes quanto contraditórias.” (ZUMTHOR, 2004, p. 146). Na concepção de Ferreira, o

<sup>6</sup>SANCHES, Edmilson. “Rio Tocantins”. Disponível em: <http://www.jupiter.com.br/u/socultura/sanches.html>. Acesso em: 11 setembro 2015.

<sup>7</sup>TOCANTINS, Zeca. “Travessia”. Disponível em <http://limacoelho.jor.br/index.php/Caminhos-de-n-s-a-poesia-de-Zeca-Tocantins>. Acesso em: 11 setembro 2015.

autor deixa-nos aberta uma via em que se recupera um mundo de conhecimentos, situado sempre na relação do passado com o futuro, numa aproximação que se dirige à pluralidade das maneiras de expressar, e a uma espécie de continuidade do poético.

Nesse sentido, é preciso dizer que Zumthor foi um pesquisador que não recebia imposições de sistemas fechados, para ele tudo era experimentação e travessia. Se de um lado se concentrava sobre o núcleo da tradição cultural europeia, ao mesmo tempo conduzia sua atenção para a descoberta dos novos mundos, das novas modalidades de comunicação [...] se engajava na crítica das práticas culturais e no entendimento das relações humanas. Por isso, Zumthor dá tanto lugar à memória dessas comunidades, cujas culturas estão em via de desaparecimento ou em transformação, cujas vozes podem calar-se. (FERREIRA, 2007, p. 152)

Convém fazermos uso de uma canção sobre o Rio Tocantins, composta na década de 1980, pelo compositor e intérprete Carlinhos Veloz, nascido em Recife e radicado no Maranhão. Tem suas canções gravadas por nomes consagrados como Alcione e, dentre elas, “Imperador do Tocantins”, que se refere a um rio que impera e corre soberano “do lado daquela cidade”<sup>8</sup>.

O enunciado mostra uma linguagem cotidiana e densamente metafórica que auxilia na compreensão do texto poético. “[...] e os nobres filhos da princesa/ frutos da mãe natureza, cheios de beleza vão pro Tocantins./ A tarde cai e o sol se vai, óh! Deus do céu abençoai/ o imperador de Imperatriz do Tocantins”<sup>9</sup>. Neste trecho nos deparamos com o choque semântico presente nas expressões referentes a um rio que reina e impera, fluindo e descendo levemente com suas águas. Aqui é elevado a um sentido figurado, pois é imponente como um imperador. Para o escritor Tasso Assunção, em seu poema Rio de luz, “o Tocantins é majestade em Imperatriz, mas o Sol é o senhor do Tocantins, Senhor inclemente quando arde [...] Mas piedoso quando espraia sua luz [...] germinando fartura nas plantações”<sup>10</sup>.

Na tradição anterior o discurso científico se fazia de forma literal, ou seja, o acesso às verdades absolutas se dava por meio de um entendimento da linguagem como mero espelho da realidade objetiva. Neste âmbito, os autores nos mostram que a metáfora deveria ser sempre evitada quando se pretendesse falar objetivamente.

<sup>8</sup>VELOZ, Carlinhos. Em entrevista concedida à Rádio Universidade FM em 02/09/2007. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6MNb4f\\_OZus](https://www.youtube.com/watch?v=6MNb4f_OZus).

<sup>9</sup>VELOZ, Carlinhos. “Imperador Tocantins” (faixa 04). In. *Ilha Bela*, 1992.

<sup>10</sup> ASSUNÇÃO, Tasso. “Rio de luz”. Inédito.

A partir da década de 1970 ocorre uma mudança paradigmática que leva a uma reformulação profunda na maneira de concebê-la, surgindo diversos interesses pela linguagem figurada. A intenção é afastar a visão tradicional da metáfora como linguagem especial persuasiva e reconhecer que esta faz parte da linguagem cotidiana, sendo, portanto, mais do que um recurso da imaginação poética, um elemento essencial no modo de conceptualizar o mundo.

Por essa linha, os textos são, em geral, frutos de ações pautadas por um enfoque eminentemente cultural, que supõem uma memória reatualizada no presente e, ao mesmo tempo, cidades que trazem consigo uma longa tradição de um Brasil de ribanceiras, palafitas e territórios moventes, feitos de secas, cheias e florestas. Enfim, signos – inspiradores de “procedimentos de escrituras”, conforme as palavras de Pinheiro (2003, p. 111).

Ao discorrer sobre o sertanejo, o autor nos apresenta que todos se tornam cronistas com a boca roçando a paisagem, como foram os primeiros padres, viajantes, ourives, doceiros e poetas das Américas. “A tarefa de renomear o mundo, de encontrar uma adequação dos signos às coisas é própria de todos os habitantes de um continente que irrompeu no desconhecido a partir da confluência mágico-épica do alheio e do diverso”. (PINHEIRO, 2002, p. 111). É o traslado da natureza, transpondo-se em forma de versos.

### **Considerações Finais**

Simbolicamente o Rio Tocantins proporciona uma convivência com a dinâmica da natureza. Tratamos aqui desse universo habitado por moradores de culturas diferenciadas, onde a compreensão do mundo torna-se visível e vivenciada em impressões escritas, muitas delas partindo de metáforas do rio como a vida, em constante curso. A metáfora é levada em conta não somente como ornamento de um texto, mas como produção e ampliação de conhecimento nas poesias, linguajar comum, literatura e, especialmente, nos textos sagrados.

Ao voltar-se para o Rio Tocantins em Imperatriz e analisar enunciados referentes à sua poética, esta pesquisa trouxe à tona a memória de uma cidade, que alarga seus espaços, abrindo-se, não somente à participação de seus espectadores, como também ao cotidiano, com suas tradições, muitas vezes manifestadas na fé. Assim, o rio e suas margens tornam-se

também metáforas nostálgicas de uma ruralidade perdida ou as chaves latentes no coração conflituoso do processo de reconfiguração urbana.

## Referências

FERREIRA, Jerusa Pires. *O universo conceitual de Paul Zumthor*. In: Revista do IEB, nº 45, setembro, 2004.

LAKOFF, George; JONHSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

PACHECO, Agenor Sarraf. *Em elcorazón da la Amazônia: identidades, saberes e religiosidade no regime das águas marajoaras*. 2009. Tese. (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PINHEIRO, Amálio. *América Latina - Barroco, cidade, jornal*. São Paulo: Intermeios, 2013.

## Sites de consultas:

PIRES FERREIRA, Jerusa. *Sobre festa popular: duas devoções*, 2010. In: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/201> Acesso em: 13 setembro 2015.

FRANKLIN, Adalberto. <http://adalbertofranklin.por.com.br/2011/07/procopio-santa-teresa-e-a-fundacao-de-imperatriz>. Acesso em: 05 setembro 2015.

FRANKLIN, Adalberto. *Expedições pelo Tocantins e Araguaia*. <http://adalbertofranklin.por.com.br/2011/01/expedicoes-pelo-tocantins-e-araguaia/> Acesso em: 09 setembro 2015.

SANCHES, Edmilson. *Rio Tocantins*. <http://www.jupiter.com.br/u/socultura/sanches.html>. Acesso em: 11 setembro 2015.

TERESA de Ávila: *peregrina solar que inspira a busca pelo essencial hoje*. <http://ihu.unisinos.br/noticias/540770-teresa-de-avila-peregrina-solar-que-inspira-a-busca-pelo-essencial-hoje>. Acesso em: 13 setembro 2015.

TOCANTINS, Zeca. *Travessia*. <http://limacoelho.jor.br/index.php/Caminhos-de-n-s-a-poesia-de-Zeca-Tocantins/>. Acesso em: 11 setembro 2015.